

Proponente: Andréia Schmidt

Área da Psicologia: Análise Experimental do Comportamento

## **AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO VIA RESPONDER POR EXCLUSÃO: APRENDIZAGEM E MANUTENÇÃO EM CRIANÇAS E EM PARTICIPANTES COM DESENVOLVIMENTO ATÍPICO**

Justificativa: O responder por exclusão é um padrão de comportamento estudado por pesquisadores de diferentes tradições teóricas e metodológicas. Autores ligados à Psicolinguística referem-se a esse fenômeno como “mapeamento rápido” e têm interesse especial em sua ocorrência em crianças em fase de aquisição de vocabulário. Analistas do comportamento têm se dedicado ao estudo experimental desse fenômeno nas últimas décadas com diferentes populações e em situações experimentais diversas (discriminações condicionais envolvendo estímulos auditivos, visuais e olfativos, em diferentes combinações, a depender da amostra estudada e dos objetivos específicos dos estudos). A presente proposta adota como referencial teórico a Análise do Comportamento e se concentra no estudo do comportamento de crianças em fase de aquisição/expansão de vocabulário e de participantes com problemas de desenvolvimento que afetam a linguagem.

O responder por exclusão tem sido definido como um padrão típico de responder em uma situação de discriminação condicional no qual ocorre a seleção de um estímulo de comparação indefinido (desconhecido) diante de um estímulo modelo também indefinido. Esse tipo de responder é considerado emergente porque não há uma história anterior que tenha tornado o estímulo de comparação discriminativo para a resposta de seleção, o que o torna de especial interesse na investigação dos processos relacionados à aquisição de vocabulário. A despeito das inúmeras investigações sobre o tema, que têm encontrado evidências de que esse é um fenômeno consistente em todas as populações estudadas, muitos problemas ainda devem ser resolvidos para o entendimento do papel que esse desempenho tem na aquisição não apenas de substantivos, mas de palavras de outras categorias lexicais, bem como na manutenção das relações estabelecidas via exclusão. A discussão de dados nesse sentido é importante para que seja possível o planejamento de metodologias mais adequadas, tanto para a investigação do fenômeno, como, também, para o desenvolvimento de estratégias de ensino e ampliação de vocabulário em populações que necessitem desse tipo de intervenção. Essas questões serão tratadas nas três apresentações propostas, o que pode representar um avanço para a compreensão do papel do responder por exclusão na aprendizagem de linguagem e de algumas das variáveis com potencial para a facilitação da aprendizagem e da manutenção de vocabulário.

As três pesquisadoras participantes do simpósio vêm estudando essa temática há bastante tempo. Aline R. da Costa, professora do curso de Fonoaudiologia da USP Bauru, desenvolve projetos nessa área há 15 anos, tendo publicado artigos sobre o tema no Brasil e no exterior. Seu foco tem sido o estudo de exclusão com crianças e adultos com diferentes características desenvolvimentais. Camila Domeniconi, professora do curso de Psicologia da UFSCar, estuda o fenômeno com participantes com desenvolvimento atípico e animais não humanos, tendo, também, vários artigos publicados sobre o assunto. Andréia Schmidt, professora do curso de Psicologia da USP Ribeirão Preto, tem se dedicado ao estudo do comportamento verbal ao longo de sua carreira e conduz diversos projetos sobre aquisição de vocabulário por exclusão com bebês e crianças com desenvolvimento típico. As pesquisadoras consideram que a

reunião anual da SBP é um fórum privilegiado para discussão da temática proposta por congregar pesquisadores de diversas orientações teóricas que têm interesse no desenvolvimento humano, tanto em aspectos de investigação básica, quanto em possíveis aplicações dos conhecimentos apresentados.

Palavras-chave: Responder por exclusão; aprendizagem relacional; aquisição de vocabulário.

Coordenador: Andréia Schmidt

**APRENDIZAGEM DA RELAÇÃO NOME-OBJETO A PARTIR DO RESPONDER POR EXCLUSÃO, EM CRIANÇAS DE 18 A 48 MESES.** Andréia Schmidt, Mariana Guedes de Oliveira Franco\*, Lucas dos Santos Lotério\*, Geovana Figueira Gomes\* (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP).

Um dos processos estudados na rápida ampliação de vocabulário em crianças pequenas é o responder por exclusão, por meio do qual a criança, sem ensino prévio, tende a relacionar uma palavra desconhecida a um objeto também desconhecido. Apesar da documentação consistente sobre a ocorrência desse desempenho mesmo em crianças muito jovens, os dados sobre a manutenção das relações palavra-objeto após o episódio de exclusão são muito variáveis, sugerindo a necessidade de investigar as variáveis que podem facilitar a aprendizagem dessas relações após uma única exposição aos estímulos. O objetivo dessa pesquisa foi verificar, em uma amostra ampla de crianças de diferentes faixas etárias (entre 18 e 48 meses), se a aprendizagem da relação nome-objeto em uma tentativa pode estar relacionada à idade. Participaram da pesquisa 80 crianças, com idade entre 18 e 48 meses, divididas em quatro grupos, por faixa etária: 18 a 24 meses; 25 a 30 meses; 31 a 36 meses e 37 a 48 meses. Foi realizado um procedimento de emparelhamento de acordo com o modelo empregando brinquedos conhecidos e objetos não familiares (não relacionados a qualquer nome no repertório dos participantes). Após o estabelecimento de uma linha de base de discriminações auditivo-visuais, na qual a criança escolhia um dentre quatro brinquedos conhecidos diante de um nome familiar ditado, foram conduzidos três blocos de sonda. Cada bloco era composto de oito tentativas de linha de base (com nomes e objetos conhecidos) e duas tentativas de teste: uma de exclusão, em que um nome indefinido era ditado e os estímulos de escolha eram dois brinquedos conhecidos, um indefinido e uma máscara (uma caixa de papelão fechada, dentro da qual havia um brinquedo definido); e uma sonda de aprendizagem, em que um nome indefinido era ditado (igual ou diferente ao da tentativa de exclusão) e os estímulos de escolha eram a máscara, brinquedos definidos e indefinidos, a depender da configuração da tentativa de teste. Nas sondas de exclusão, observou-se que, ao longo dos blocos de teste, a experiência na tarefa pareceu favorecer o desempenho por exclusão das poucas crianças que não escolheram o brinquedo indefinido diante do nome também indefinido desde a primeira sonda. Ao analisar a proporção dos participantes de cada grupo que apresentaram respostas indicativas de aprendizagem nas sondas de aprendizagem, foi observada uma diferença significativa entre o desempenho do grupo mais jovem (18 a 24 meses) e o grupo mais velho (37 a 48 meses), sugerindo que a idade pode favorecer a aprendizagem da relação nome-objeto após uma única tentativa de exclusão. Diferenças significativas não foram encontradas comparando-se o desempenho dos grupos intermediários entre si. Ao

analisar o número de participantes que demonstrou respostas indicativas de aprendizagem em todas as três sondas de aprendizagem, observou-se também uma diferença entre as crianças mais jovens e as mais velhas, apesar desse número ser baixo em todos os grupos analisados. São discutidos possíveis fatores relacionados à idade que podem favorecer a aprendizagem estudada, assim como questões relacionadas a procedimentos adotados nesta e em outras pesquisas sobre o tema. (FAPESP, processo 2010/12156-7)

Palavras-chave: Responder por exclusão, aprendizagem relacional, crianças.

Nível do trabalho: P

Código de área: AEC

2º Apresentador: Aline Roberta Aceituno da Costa

### **INVESTIGAÇÕES SOBRE EXCLUSÃO NA AQUISIÇÃO DE RELAÇÕES CONDICIONAIS AUDITIVO-VISUAIS POR CRIANÇAS DE 24 A 36 MESES.**

Aline Roberta Aceituno da Costa (Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, SP), Deisy das Graças de Souza (Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)

O responder por exclusão, definido como a seleção de um estímulo de comparação indefinido entre outros definidos após a apresentação de um estímulo modelo indefinido, vem sendo extensivamente relatado na literatura. Esse padrão consistente de responder pode estar na origem da aprendizagem de relações nome-objeto, por isso ele tem sido alvo de intensa investigação, mas ainda não foram suficientemente esclarecidas as condições sob as quais o responder por exclusão ocorre ou pode deixar de ocorrer. A metodologia empregada na investigação do responder por exclusão utiliza, frequentemente, um formato no qual todos os estímulos são objetos, figuras ou eventos inteiros e a palavra empregada como modelo tem, portanto, a topografia de um substantivo. Porém, palavras podem relacionar-se a ações (verbos), a propriedades de objetos ou eventos (adjetivos), entre outros tipos de relações. O presente estudo pretendeu investigar, com crianças em fase inicial de aquisição de vocabulário, se ocorre ou não o responder por exclusão em situações em que tanto na linha de base quanto nas sondas sejam incluídas palavras de outras categorias. Um segundo objetivo do estudo foi investigar se ocorre aprendizagem da relação entre cada palavra e figura nova apresentadas em sondas de exclusão, após uma ou várias exposições ao par palavra indefinida-figura indefinida. Os participantes do estudo foram 60 crianças com idades entre dois e três anos. Foram empregadas três condições, de acordo com um delineamento de grupos. A Condição 1 foi usada como controle, portanto, empregou substantivos, como nos estudos prévios; a Condição 2 apresentou, tanto no treino de linha de base quanto nos testes de exclusão, palavras do tipo adjetivo; na Condição 3 foram apresentados apenas estímulos do tipo verbo. Nas sondas de exclusão a maioria dos participantes selecionou estímulos indefinidos sob controle dos modelos indefinidos, replicando os resultados de estudos prévios na Condição 1 e estendendo esses resultados para adjetivos (Condição 2) e verbos (Condição 3). Nas sondas de aprendizagem, nenhum participante apresentou resultados positivos após uma única tentativa de exposição ao par palavra-figura, porém, depois de 10 exposições a maioria das crianças mostrou aprendizagem da relação palavra-estímulo visual, para as três

categorias de palavras. Os resultados consistem em uma contribuição original sobre exclusão com outras categorias de palavras, mas sua generalidade poderá ser fortalecida com uma ampliação da amostra de participantes. Será importante verificar, também, a quantidade mínima de exposições necessárias para que ocorra aprendizagem, isto poderá ser feito a partir de investigações dos efeitos de variações paramétricas da quantidade de treino.

(Este estudo é parte do programa de pesquisas do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino, aprovado no edital 15/2008 (MCT/CNPq/FAPESP) e apoiado pela FAPESP (Processo 2008/57705-8) e pelo CNPq (Processo 3972/2008-8), Deisy de Souza é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. A primeira autora desenvolveu o presente trabalho durante o pós-doutorado com apoio da FAPESP (Processo 07/53575-0)).

Palavras-chave: exclusão, aquisição de vocabulário, substantivo, adjetivo, verbo

Nível – PD

Código de área - AEC

3º Apresentador: Luiza A. Langdorff Costa

# **APRENDIZAGEM DE RELAÇÕES NOVAS VIA TENTATIVAS DE EXCLUSÃO POR ADULTOS DIAGNOSTICADOS COM AUTISMO E COM SÍNDROME DE DOWN. Luiza A. Langdorff Costa\*\***, Camila Graciela Gomes e Camila Domeniconi (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP)

O responder por exclusão é um fenômeno robusto entre humanos com diferentes repertórios. Entretanto, a aprendizagem da relação entre os estímulos indefinidos (geralmente, entre nome e objeto) não parece ocorrer após uma única tentativa de exclusão. Este estudo, conduzido com oito participantes adultos, com idades entre 16 e 46 anos – cinco deles diagnosticados com autismo e três com Síndrome de Down – teve por objetivo investigar o número de tentativas necessárias para a aprendizagem da relação entre figuras indefinidas e nomes indefinidos. A cada tentativa, a experimentadora dizia uma palavra e o participante selecionava a figura que considerava correta, diante de três comparações. Para coleta de dados foi utilizado um caderno onde cada página representava uma tentativa discreta. A tarefa do participante consistia em retirar uma das figuras afixadas na porção inferior da página e fixa-la na porção central/superior. O método foi composto por cinco fases; linha de base (1), introdução da máscara como estímulo neutro (2), tentativas de exclusão, onde um par de estímulos novos (nome e figura) era apresentado por duas vezes em meio a tentativas de linha de base (3), testes de aprendizagem (4) e teste de nomeação (5). O critério para encerrar as atividades foi a aprendizagem das relações ou a repetição por 10 vezes das fases 3 e 4. O procedimento foi realizado 4 vezes, ou seja, quatro pares de estímulos novos foram apresentados, a saber, as palavras pagu, mido, fani e duca e seus respectivos estímulos visuais. Os três participantes com Síndrome de Down aprenderam todas as relações ensinadas; dois deles aprenderam todas as relações com o número mínimo de repetições e o terceiro aprendeu as relações com as palavras pagu e duca com o número mínimo de repetições e com fani e mido em oito e seis repetições, respectivamente. Os resultados dos participantes com autismo foram mais heterogêneos; um participante não respondeu por exclusão e por tal razão não participou da Fase 4 do



procedimento; dois participantes responderam por exclusão, mas não demonstraram aprendizagem na Fase 4, mesmo após as 10 repetições previstas pelo procedimento. O quarto participante aprendeu as relações com os estímulos duca e pagu com o número mínimo de repetições e com as palavras mido e fani com seis e oito repetições, respectivamente. O quinto participante com autismo aprendeu as relações entre todos os estímulos com o número mínimo de repetições. Os resultados mostraram que adultos especiais com diferentes diagnósticos respondem por exclusão e, ainda, que aprendem relações novas entre nomes e figuras com poucas repetições (no máximo oito repetições, o que significa em média 1 hora de ensino). O procedimento pode ser adaptado como uma ferramenta eficaz de ensino de relações novas a pessoas com desenvolvimento atípico. (FAPESP - processo 2011/05157-0)

Palavras-chave: Aprendizagem por exclusão; Síndrome de Down; Autistas.

Nível: M

Código de área: AEC